



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

RIO DE JANEIRO, 7 DE ABRIL DE 1958.

NA SOLENIDADE COMEMORATIVA DO CIN-  
QUENTENÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DE IMPRENSA.

Não poderia eu deixar de associar-me às mani-  
festações que assinalam o meio século da Associação  
Brasileira de Imprensa. Em cinqüenta anos cresceu,  
vicejou, tomou corpo e importância, a casa fundada  
por alguns homens de boa vontade, imaginação e li-  
mitados recursos, entre os quais manda a justiça lem-  
brar o nome de Gustavo Lacerda. Em cinqüenta anos  
cumpriu a A.B.I., não só o que desejaram os seus  
idealizadores, mas muito mais do que isso: o que  
ninguém sequer sonhou, foi obtido para que a classe  
dos homens de imprensa tivesse os seus direitos am-  
parados, proteção na adversidade, assistência, garan-  
tias e tudo enfim capaz de dar maior segurança e  
tranqüilidade aos que labutam na mais difícil, na mais  
delicada das profissões dêste mundo.

444

Deus sabe melhor do que ninguém que esta A.B.I.  
cumpriu o seu dever para com os seus associados, os  
seus numes tutelares e seus pioneiros, e que, em vez  
de ser mera associação e simples Casa do Jornalista, é  
uma árvore para os seus membros, com ramos bastos,  
propiciadores de sombra e sempre dadivosamente  
cheia de frutos.

445

Mas essa árvore, que tem sido sempre tão benfa-  
zeja para os que dela se aproximam e nascida de

446

uma iniciativa fecunda, teve a graça de encontrar um homem obstinado que a encarnou, que a defendeu, que lutou, que se esqueceu de tudo, inclusive dos seus próprios interesses, para que ela triunfasse. Sabeis perfeitamente a quem me refiro, pois não seria necessário que o nome do Presidente Herbert Moses fôsse aqui pronunciado, para que logo soubésseis de quem se tratava. Todos os cidadãos que passaram pelo Governo da República tiveram que enfrentar Moses, incansável em pedir pelos outros, em reclamar pelos jornalistas e, algumas vezes, em horas críticas, firme em expor-se pela defesa dos trabalhadores de imprensa, privados de liberdade. Desde que um modesto repórter, Gustavo Lacerda, fundou a Associação Brasileira de Imprensa, até o dia de hoje — nestes cinquenta anos — vinte e sete dos quais o Dr. Moses ocupou a presidência da Casa do Jornalista, — muita água passou debaixo da ponte; e nem sempre o Brasil desfrutou períodos de uma paz igual a esta em que nos encontramos, em que todos têm o direito de falar e pronunciar-se até mesmo desabridamente, às vezes com uma injustiça lamentável, mas que a paixão justifica. Nas horas difíceis, nas horas em que numerosos jornalistas conheceram a prisão, houve sempre presente, vigilante e ativa, uma A.B.I., representada por êsse cidadão, presidente imutável, cujo poder é tanto maior quanto o sabemos fundar-se na dedicação a uma causa, a uma classe, a um ideal que não representa nenhum interesse pessoal.

447

Aqui estou, neste incomparável Jardim Botânico, para prestar uma homenagem especial ao jornalismo brasileiro, plantando no dia de hoje uma árvore, a grande árvore de nossas florestas, o jequitibá-rei. Quis vir pessoalmente a esta cerimônia sempre nobre, alta e comovente, quis eu mesmo vir fazer êste gesto fe-

cundo e quase religioso, que é o de atirar à terra a semente, para que dela nasça o ser vegetal, que resume e simboliza o que de generoso e bom existe na vida humana: a sombra e o fruto. Creio que não será descabido, daqui dêste sitio, no coração do que a natureza oferece de mais belo e de melhor, enviar à imprensa do Brasil e à de todo o mundo uma palavra de saudação e também de advertência. Quem se tem mostrado tão amigo dos jornais tem o direito de falar-lhes com sinceridade; quem reconheceu sempre o papel relevante exercido pela imprensa nas horas mais escuras por que passou a humanidade, quem sabe e proclamou invariavelmente o heroísmo dos homens de jornal, nos momentos mais decisivos em que foi preciso lutar pela dignidade da pessoa humana; quem soube sempre em tôda a sua vida pública respeitar e considerar benéfico e fecundo o papel da imprensa, está em situação, também, de lembrar que o poder de que dispõe, nos dias de hoje, o jornalismo, corresponde a um fatal acréscimo de responsabilidade. Liberdade sim, pois sem liberdade não há imprensa, mas responsabilidade, pois, sem esta, não existirá nenhum gesto de ação criadora e benéfica, que vença o ódio, a cegueira, o pecado da falta de caridade e de justiça. Dispondes, jornalistas, da faculdade de criar reputações e de destrui-las e isto é um perigoso exercício, que deve ser sempre inspirado no amor às causas mais impessoais, e que nobilitam.

Podeis fazer o bem em larga escala e todo mal que quizerdes. A prática do bem, no entanto, só reforçará a vossa instituição; e a do mal causará ruína irreparável e, em consequência, ruína também para quem a pratica. 448

Sereis tanto mais influentes quanto mais fôrdes corretos e justos. Como em tôdas as associações hu- 449

manas e em tôdas as classes, estais, vós mesmos, expostos a erros e enganos, e, nisto, é necessário que atenteis, pois não há maior tentação que a de nos julgarmos infalíveis.

450       Que esta árvore, hoje plantada, cresça forte e bela como tôdas as demais de sua raça e que, daqui a cinqüenta anos, os componentes de uma geração bem diferente da nossa, e que nos terão provavelmente esquecido, reunam-se neste mesmo sitio, para festejar a Casa de Gustavo Lacerda, de Herbert Moses, e de todos os trabalhadores da imprensa, ilustres ou obscuros, no seu primeiro centenário.